

Walter Teixeira Lima Junior • Murilo Bansi Machado
Organizadores

TECNOLOGIA, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIA COGNITIVA



CAPA: Cristiano Freitas

IMAGEM DA CAPA: AGICOMMetodista

EDITORAÇÃO: Claudia M. Arantes de Assis Saar

REVISÃO: Amanda Luiza S. Pereira

Daniel Costa de Paiva

Diego Franco Gonçalves

Murilo Machado Bansi

T227 Tecnologia, comunicação e ciência cognitiva [livro eletrônico] /
organização de Walter Teixeira Lima Junior, Murilo Bansi Machado. São
Paulo : Momento, 2014.
19 Kb ; ePUB

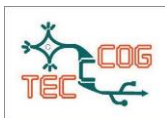
Coletânea de artigos dos membros do Grupo de Pesquisa Tecnologia,
Comunicação e Ciência Cognitiva do Programa de Pós-Graduação em
Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo.

Bibliografia

ISBN 978-85-62080-08-1

1. Tecnologia 2. Comunicação 3. Ciência cognitiva 4. Comunicação
digital 5. Cibercultura 6. Comunicação móvel 7. Sociedade do
conhecimento 8. Novas tecnologias (Educação) 9. Ciberativismo
10. Sites (Internet) - Compras coletivas I. Lima Junior, Walter Teixeira
II. Machado, Murilo Bansi III. TECCCOG

CDD 302.2



www.teccog.net

SUMÁRIO

Introdução	05
Apontamentos sobre o imprescindível debate da tecnologia para a comunicação social <i>Amanda Luíza S. Pereira</i>	07
Mobile Learning: Novos meios, velhas questões <i>Ana Graciela M. F. da Fonseca</i>	27
Processos comunicacionais assíncronos em ambientes virtuais de aprendizagem: verificação de colaboração por meio de uma visualização estrutural <i>André Rosa de Oliveira</i>	44
Social Games: entretenimento democrático na internet <i>Cláudia Maria Arantes de Assis e Jefferson Ferreira Saar</i>	73
Simulação Computacional de Fluxos de Informação: uma abordagem no âmbito da Comunicação Social <i>Daniel Costa de Paiva</i>	96
Os espaços da recepção: elementos para pensar a interação mídia-mente <i>Diego Franco Gonçalves</i>	114
Governança da internet, modelos de negócios, cibercrime e ciberespionagem <i>Diólina de Carvalho Graziano</i>	129

Sociedade do conhecimento: o longo caminho entre democratização da tecnologia e acesso à informação <i>Eduardo Fernando Uliana Barboz</i>	153
Mechanical Turk e a conveniência cognitiva como objeto da linguagem <i>Leandro Golçalves</i>	174
O reencontro com o Tangível: notas sobre a materialidade em McLuhan, Gumbrecht e Sennett <i>Márcio Carneiro dos Santos</i>	187
Sociedade Digital: A revolução digital na escola e o papel do professor <i>Michele Loprete Vieira</i>	203
Hacktivismo e Anonymous Brasil: a força de uma ideia disforme <i>Murilo Bansi Machado</i>	221
Avanços tecnológicos e gerações do futuro: novos rumos para a educação e desenvolvimento de criações coletivas <i>Rafael Vergili</i>	240
Os sites de compra coletiva: uma análise com foco nos aspectos cognitivos <i>Daniel Costa de Paiva, Vanessa Moreira N. de Paiva e Walter Teixeira Lima Junior</i>	256

INTRODUÇÃO

A rápida e expressa adoção das mais variadas tecnologias digitais de comunicação por parte das sociedades contemporâneas alterou, em grande medida, a dinâmica dessas sociedades, bem como o rumo das áreas do conhecimento que se debruçam sobre elas, propondo novas questões para responder a situações e hábitos inteiramente insólitos.

Particularmente, a Comunicação, enquanto campo do conhecimento pertencente à área das Ciências Sociais, vem dispendendo contínuos esforços no sentido de estabelecer e compreender, sob uma perspectiva inter e transdisciplinar, a complexidade das relações entre ciência e tecnologia.

Mas, mais do que isso, o grupo de pesquisa Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva (TECCOG) acredita que, para acompanhar efetivamente os caminhos trilhados pela evolução tecnológica, é necessário que os ferramentais teórico-metodológicos das pesquisas em Comunicação também se adaptem aos instrumentos de verificação desenvolvidos em outras áreas do conhecimento – em especial, na Ciência Cognitiva.

Por isso, liderados pelo Prof. Dr. Walter Lima, os pesquisadores do TECCOG dedicam-se a pesquisas que tratam dos dispositivos tecnológicos de comunicação tendo em vista a introdução das tecnologias digitais de informação e as descobertas da neurociência no que tange ao processamento, transmissão e transdução de informações.

Nesse sentido, o e-book Comunicação, Tecnologia e Ciência Cognitiva tem como objetivo explorar a complexidade dos temas e objetos de pesquisa dos estudos de Comunicação, relacionando essas três áreas do conhecimento, ensejando o entendimento e a ampliação das possibilidades de conexão entre elas.

Afinal, à medida que avança sem precedentes a apropriação tecnológica por parte das sociedades, tal ato inevitavelmente modifica o comportamento destas quanto ao consumo de informações. Logo, compreender as diversas formas por meio das quais as tecnologias da informação são cognitivamente apropriadas pelos indivíduos, bem

como o modo como estes interagem com novas maneiras de consumir informações, por meio de seus impulsos sensoriais, certamente está e estará entre um dos maiores desafios dos pesquisadores dessas áreas.

Portanto, este livro pretende contribuir para esta auspiciosa gama de estudos que vem ganhando viço e número nos últimos anos como um campo de investigação, ação e metodologias transdisciplinares.

Para isso, desejamos ao leitor aproveitamento científico sobre o imprescindível debate da tecnologia para a comunicação social, aqui travado por meio de textos assinados por pesquisadores e colaboradores do TECCCOG.

Boa leitura a todos.

Walter Teixeira Lima Junior
Murilo Bansi Machado

O Reencontro com o Tangível: notas sobre a materialidade em McLuhan, Gumbrecht e Sennett

Márcio Carneiro dos Santos¹

“O estudo dos meios, de uma só vez, abre as portas da percepção.” (McLuhan, 2007, p.13)

1. Introdução

Don Ihde (2009), no texto que abre a coletânea *New Waves in Philosophy of Technology*, faz um breve resumo sobre as diversas gerações de filósofos que se dedicaram ao tema. Comentando a nova geração de autores do livro que apresenta, Ihde tece comentários sobre os principais traços que identifica no pensamento contemporâneo ali representado.

A principal característica apontada é um aprofundamento em direção a uma visão mais pragmática e empírica, a partir da análise do que ele chama de tecnologias concretas. Esse direcionamento já havia sido tomado por sua própria geração, que incluía, entre outros, Albert Borgmann, Hubert Dreyfus, Andrew Feenberg, Donna Haraway e Langdon Winner.

Para Ihde, as gerações anteriores à dele traziam a marca de uma forte divisão entre visões utópicas e distópicas sobre a relação entre tecnologia e sociedade, bem como o fato de enfrentarem o tema normalmente a partir de abordagens mais metafísicas, nas quais, em

¹ Doutorando do Programa de Tecnologias da Inteligência e Design Digital da PUC-SP

muitos trabalhos, pairava a sombra da ameaça tecnológica às formas tradicionais da cultura e à própria humanidade.

A figura de Heidegger é destacada representando o pensamento que superou a divisão geracional proposta, apesar das ressalvas de que, sem perder a importância, o sentido de suas palavras e principalmente suas conclusões também foram relativizadas à medida que o tempo passou.

Por fim, Idhe aponta também como traço da nova geração de filósofos da tecnologia um endereçamento à questão da materialidade e seus desdobramentos, tema que há certo tempo também nos interessa. Por isso, no texto que segue, faz-se uma tentativa de encontrar possíveis pontes ou conexões entre o pensamento de três autores que não estão nas listas tradicionais dos filósofos da tecnologia e muito menos na dos que representam juntos alguma corrente de pensamento. Apesar disso, e muito mais ligados à Comunicação e às Humanidades de forma geral, Marshall McLuhan, Hans Ulrich Gumbrecht e Richard Sennett nos trazem questões que, ao nosso modo de ver, podem colaborar com as discussões da Filosofia da Tecnologia e com a geração que Idhe nos apresentou em seu texto de 2009.

2. Relações entre Tecnologia e Sociedade

Enquanto a Filosofia tem mais de dois mil anos de conhecimento acumulado, o ramo da Filosofia da Tecnologia pode ser considerado relativamente novo. A ideia de que a tecnologia nada mais é do que ciência aplicada aparentemente afastou o interesse dos filósofos que, por muito tempo, não viam no tema algo que valesse a pena explorar. Antes do século XX, Bacon, Marx e alguns poucos abordaram a questão da tecnologia, muitas vezes de forma periférica.

Para que as afirmações anteriores tenham sentido, é importante

ressaltar as diferenças entre técnica e tecnologia. Enquanto a primeira já fazia parte das discussões dos filósofos gregos, a última efetivamente começa a constituir-se, ainda que de forma embrionária, no Renascimento, a partir da junção da ciência aplicada e do objetivo, naquele momento cada vez mais claro, de dominar a natureza a partir da razão.

Para entender a diferença, é preciso voltar cerca de cinco séculos antes da era cristã. A *tekhne* dos gregos, segundo Lemos (2002), estava intimamente ligada às ações práticas, cobrindo uma ampla faixa de atividades que ia dos ofícios mais simples, baseados em trabalhos manuais, até as artes e a medicina. Era *tekhne*, portanto, tudo aquilo produzido pela ação do homem num contraponto ao que era gerado pela natureza.

Essa primeira dicotomia na Grécia de Platão e Aristóteles trazia um julgamento de valor bem definido: o fazer da natureza era superior porque permitia a possibilidade de gerar a si mesmo, de atravessar a fronteira entre a ausência e a presença de forma independente. A herança divina e, por isso mais pura, fazia da *physis* – o princípio da geração das coisas naturais, superior à *tekhne* – algo sempre inferior, sem a capacidade da *auto-poiëses*, ou seja, da autorreprodução.

A essa diferença, Platão ainda acrescentou a ideia de que a contemplação e a atividade do pensamento, da busca pelo conhecimento e pela compreensão do mundo eram as mais nobres possibilidades dadas aos humanos. As atividades práticas, segundo ele, eram inferiores, provavelmente decretando a primeira cisão entre a mão e o cérebro que Sennett (2009), mais de dois mil anos depois, vai desenvolver a partir da análise histórica do trabalho artesanal, pensando, a partir dos conceitos e Hannah Arendt,² a diferença entre

² Sennett é discípulo de Arendt, mas questiona a visão dela sobre a questão da tecnologia e a divisão proposta entre animal laborens, o trabalhador braçal condenado à rotina, e o *homo faber*, superior ao primeiro, consciente da vida em comunidade, que é capaz de discernir sobre seus próprios atos e procurar soluções melhores.

o animal laborens, aquele a quem interessa apenas o como, e o homo faber, o que pensa no porquê.

As premissas dos grupos provavelmente têm seu reflexo até hoje no conceito, ainda difundido, de que as atividades manuais ou artesanais são menos importantes. Entretanto, Sennett (2009) também nos lembra que é no início da história humana que encontramos o mito de Hefesto, o deus dos artífices, aquele que ensinou ao homem o uso das ferramentas, tirando-o do caos e da vida nômade, e possibilitando o início da civilização. O fazer humano, se não tinha o dom de se autocriar, tinha sim já o poder da transformação, de alterar o que era tácito e natural. Hefesto traduzia uma possibilidade humana associada aos ambientes digitais: a agência.³

Se as origens da técnica repousam na Antiguidade, o conceito de “tecnologia” veio bem depois. Ensina-nos Lemos (2002) que a tecnologia é a técnica moderna, muito distante do imaginário da Antiguidade e liberta dos seus laços com o divino. Pelo contrário, é a técnica que, baseada na razão e no desenvolvimento científico, na física newtoniana, na matemática cartesiana e no empirismo, transforma a natureza em “objeto de livre conquista” (Lemos, 2002, p.45).

Para Rüdiger (2007, p.175), “a técnica é, em essência, uma mediação do processo de formação da vida humana em condições sociais determinadas”. Já tecnologia é:

O conhecimento operacional que designamos pelo termo técnica enquanto se articula com a forma de saber que chamamos ciência, através da mediação da máquina e, potencialmente, em todas as áreas passíveis de automatização, conforme define o tempo que a criou, a Modernidade (RÜDIGER, 2007, p.186).

Se, para Heidegger, a técnica é um modo de existência do homem

3 A capacidade de agir ou exercermos nossa própria vontade nos ambientes digitais. De certa forma, um conceito ligado ao de interatividade. Ver Murray (2003).

no mundo, a partir da modernidade, esse existir tomará um rumo direto de agressão à natureza, agora sujeita ao conhecimento humano e à ideia de um progresso linear, constante, e que não pode ser interrompido. Para muitos, como Sennett, abre-se aqui a Caixa de Pandora, a deusa da invenção enviada por Zeus à terra e que, para os gregos, representava também a cultura das coisas produzidas pelo homem por meio das quais este poderia causar danos a si mesmo.

Os grandes conflitos mundiais da primeira metade do século XX – o nazismo, o pesadelo da guerra fria e da ameaça nuclear – materializaram os piores sonhos dos gregos num mundo que, em tese, deveria ser mais evoluído justamente pela existência da tecnologia.

Nos últimos três séculos, a Filosofia da Ciência ocupou muitos pensadores, mas foi só no século XX – a partir de eventos como a bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki e, posteriormente, as preocupações com as mudanças climáticas, a poluição gerada pelo desenvolvimento industrial⁴ e a manipulação genética com a possibilidade, mesmo que teórica, da clonagem de seres humanos – que esse cenário começou a mudar.

A intensidade e a velocidade das mudanças econômicas e sociais nas últimas décadas, de alguma forma ligadas ao desenvolvimento tecnológico, deram a esse campo um interesse com crescimento exponencial, bem como uma diversidade em termos de correntes e enfoques.

As possibilidades vão do determinismo tecnológico e sua versão radical da “tecnologia autônoma” de Ellul (1968), que, de forma geral, coloca os homens à mercê da tecnologia; e até de versões opostas, como as que pregam a construção social da tecnologia, definida não por parâmetros fora do controle humano mas, pelo contrário, a partir da interação de vários grupos de interesse que definem as linhas gerais do seu desenvolvimento.

⁴ Em janeiro de 2013, a poluição em Pequim chegou ser 25 vezes maior do que valor máximo aceitável para o ser humano, gerando, inclusive, um protesto que se constituía na venda de latinhas de ar na cidade.

Nomes como Heidegger, Arendt e Marcuse representam uma visão crítica do problema, com escritos nem sempre de fácil leitura. Segundo Dusek (2006), há variações para todos. Linguistas anglo-americanos, neomarxistas, fenomenologistas europeus, existencialistas, hermeneutas, representantes do pragmatismo americano e filósofos pós-modernos, como Deleuze, Virilio e, mais recentemente, Bruno Latour, focalizaram seus olhares sobre a relação entre o homem e a tecnologia, transformando uma temática pouco valorizada em algo com uma centralidade quase inevitável.

Em 1976, foi fundada a Sociedade para a Filosofia e a Tecnologia (SPT) – segundo sua própria página pública na internet,⁵ uma organização internacional independente que estimula, dá suporte e intermedeia discussões filosóficas relevantes sobre tecnologia.

As possibilidades de pensar as relações entre sociedade e tecnologia deram origem a novos campos, como o que hoje conhecemos por STS (Science and Technology Studies). Nele, pensadores como Andrew Feenberg (2002) têm se dedicado a formular um cenário compatível com os desafios de estudar uma relação obviamente multifacetada e complexa. Em sua crítica a visões simplistas sobre o papel da tecnologia no mundo de hoje, Feenberg nos propõe inicialmente uma espécie de mapeamento das posições normalmente apresentadas e, a partir delas, tenta incorporar questões como democracia, poder e liberdade como fatores também importantes a se considerar nas discussões dos STS.

Na cartografia de Feenberg sobre as sociedades modernas, a tecnologia ocupa um lugar de destaque entre as fontes de poder que se articulam no meio social. Para ele, as decisões políticas que definem muitos dos aspectos da nossa vida cotidiana são direcionadas pela influência dos controladores dos sistemas técnicos – sejam eles das grandes corporações, militares ou de associações profissionais de grupos, como físicos, engenheiros e, mais recentemente, poderíamos

5 Disponível em: <<http://www.spt.org>>. Acesso em: 10 out. 2013.

sugerir também, desenvolvedores de software.

Ao fazer tal constatação, o autor se remete ao pensamento de Marx que, já no século XIX, criticava a ideia de que a economia pudesse ser regida apenas por fatores extrapolíticos, por meio de leis naturais, como a da oferta e da procura. Do mesmo modo, imaginar o papel da tecnologia sem avaliar as diversas relações que ela estabelece com a sociedade pode implicar uma visão reduzida do problema.

Num caminho semelhante à crítica marxista a uma economia regulada por uma ordem natural e inexorável, Feenberg relativiza a racionalidade da tecnologia a partir da constatação de que sua gênese e desenvolvimento acontecem no mundo dos homens e, por isso, também são influenciadas por ele.

Criação técnica envolve interação entre razão e experiência. Conhecimento da natureza é necessário para fazer um equipamento que funcione. Este é o elemento da atividade técnica que consideremos como racional. Mas o equipamento deve funcionar num mundo social e as lições da experiência nesse mundo influenciam o design (FEENBERG, 2010, p.17).

A dicotomia entre a racionalidade técnica e o conhecimento que vem da experiência e contato com o mundo, assim como proposta por Feenberg, também pode ser encontrada no pensamento de outros autores que, a partir de pontos de observação diferentes, também exploraram a força da materialidade do mundo em seu confronto com a razão pura.

3. A questão da materialidade em McLuhan, Gumbrecht e Sennett

Nas últimas quatro décadas, os processos de digitalização e convergência receberam crescente atenção das mais diversas áreas

do conhecimento, tendo em vista sua inegável interferência nas atividades humanas.

Das redes sociais à cibercultura, dos games online ao capital globalizado e suas bolhas, dos ambientes virtuais aos avatares e entes digitais, um movimento de desmaterialização, de descolamento entre representados e representantes parece estar em andamento com ritmo acelerado.

As discussões sobre esse aspecto da cultura atual remontam ao final do século XX, em autores como Baudrillard, Jameson e Eco, entre outros. Entretanto, se é intensa a movimentação sobre as iniciativas de compreender esses processos, também é possível notar que uma espécie de movimento contrário, de retorno ou busca da dimensão material da existência, tem se manifestado entre autores e pesquisadores contemporâneos, que nos falam de indícios desse caminho mesmo nos dias de hoje, em que estamos tão inseridos nas categorias e desdobramentos do que se considera virtual.

É óbvio que questões ligadas à materialidade são muito anteriores. Entretanto, para o presente texto, serão pensadas no horizonte temporal relacionado aos processos desencadeados pela convergência entre máquinas de processamento numérico e máquinas de representação – a trajetória que Manovich (2001) descreve com detalhes, mostrando como as tecnologias da informação e da comunicação se uniram depois de décadas em trajetórias paralelas, constituindo por fim o atual cenário do que se convencionou chamar de sistemas midiáticos digitais.

Nas imbricações entre tecnologia, comunicação e filosofia, é possível identificar essa preocupação com o tangível aos sentidos de forma explícita ou indireta. Entre as muitas possibilidades, três autores que abordam a questão com estratégias e intenções diferentes serão aqui destacados por falarem sobre o que talvez não seja uma reação a algo oposto, mas sim a duas faces do mesmo fenômeno: a) o da existência humana e sua indissolúvel relação de mútuas influências

com a técnica que molda o mundo e se torna ferramenta para que possamos operar sobre ele; e b) o lado humano que permanece conectado sem a mediação da máquina e nos insere naquilo que chamamos de real.

3.1 Marshall McLuhan e os meios como extensões dos sentidos do homem

Em muitos livros sobre as teorias da Comunicação, o pensador canadense Marshall McLuhan é classificado como pertencente a (ou até fundador de) uma corrente normalmente denominada de “determinismo tecnológico” – fato que só comprova uma verdade talvez mais objetiva, a de que sua obra foi menos lida ou compreendida do que deveria.

Com o advento da internet, o trabalho de McLuhan tem sido recuperado com olhares mais atentos e agora, a partir de um cenário midiático complexo, volta a ser retomado com interesse por muitos pesquisadores que têm, entre os seus objetos, os meios de comunicação e suas relações com os homens e suas culturas.

Se existe algum determinismo no pensamento de McLuhan, este se encontrará não nos objetos tecnológicos, mas no sistema nervoso humano, nos mecanismos de percepção que a neurociência, muitos anos depois da publicação dos principais textos do autor, ainda trabalha para desvendar.

Em alguns trechos de sua obra, a conexão não mediada do aparelho sensorio humano e sua forma de reagir aos estímulos determina o que conhecemos por realidade e, portanto, se altera quando algo se interpõe: “(...) a racionalidade ou consciência é, em si mesma, uma ratio ou proporção entre os componentes sensorios da experiência e não algo que se acrescenta a essa experiência” (MCLUHAN, 2007, p. 132).

É por declarações desse tipo que McLuhan é nosso primeiro caminho no retorno ao sensível, já que, para ele, os meios são tradutores, instrumentos de conexão com a realidade material, extensões de nós mesmos. Como um precursor de muitas ideias, o autor recoloca a questão da materialidade na época diminuída pela preocupação com os conteúdos e seus significados.

Para McLuhan, mais importante do que as mensagens eram os meios e suas relações com o ser humano no nível do sistema nervoso, numa espécie de mecanismo construtor de mundos, anterior à interpretação pela razão. “Pois a mensagem de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas” (MCLUHAN, 2007, p.22). Para o autor canadense, “os efeitos da tecnologia não ocorrem aos níveis das opiniões e dos conceitos: eles se manifestam nas relações entre os sentidos e nas estruturas de percepção, num passo firme e sem qualquer resistência” (Idem, p. 34).

McLuhan nos lembra sobre o que nos esquecemos de pensar a respeito de nossa relação com o mundo sensorial, entretidos que estamos com os significados das coisas e sua interpretação, mar enorme guiado pela subjetividade, tão diverso e numeroso quanto os habitantes da terra.

3.2 Hans Ulrich Gumbrecht e efeitos de presença direcionados aos sentidos

Se, em McLuhan, não há efetivamente um retorno à materialidade, e sim uma antecipação a questões que agora ganharam vulto, em Gumbrecht há uma explícita intenção de questionar a interpretação e, por consequência, a hermenêutica e a superioridade da razão humana capaz de apreender e organizar o mundo, aprofundando-se em questões que apenas se iniciam na materialidade e que logo devem

ser levadas adiante e para bem longe do corpo e do sensorial.

Em sua proposição de um campo não hermenêutico, Gumbrecht argumenta que o primado da razão foi abalado por aquilo que muitos autores chamam de “condição pós-moderna”, caracterizada por processos de destemporalização, destotalização e desreferencialização (1998, p. 137).

Utilizando a semiótica de Hjelmslev, o autor vai afirmar a inviabilidade atual das Ciências do Espírito – Geisteswissenschaften –, como preconizadas por Dilthey e, principalmente, por Heidegger.

Tratando agora do campo não-hermenêutico, parto de um princípio dedutivo: se, como apresentei, a centralidade da interpretação, não apenas em Dilthey e Heidegger, senão na própria vida cotidiana, estava fundada nas premissas de temporalidade, totalidade e referencialidade e, se hoje esses conceitos entraram em crise, então pode-se supor que a crise atinge de fato a centralidade da interpretação (GUMBRECHT, 1998, p. 143).

É para enfrentar esse problema que Gumbrecht propõe o que chama de “campo não hermenêutico”, conceito que vai elaborar melhor posteriormente, em outra obra (GUMBRECHT, 2004), propondo a dicotomia entre produção de sentido e produção de presença, numa estruturação menos radical que não exclui a interpretação, mas a equilibra com processos direcionados à apreensão direta pelo corpo e pelos sentidos.

De Hjelmslev, o autor importa a oposição conceitual básica entre expressão – o significante – e conteúdo – o significado –, acrescentando a isso uma segunda divisão entre forma e substância.

Do lado do conteúdo, a substância estaria relacionada ao tema do(s) imaginário(s), numa esfera anterior à sua estruturação, que é descrita por meio da forma que representa sua organização articuladora.

Entretanto, é na área da expressão e, principalmente, em suas formas, que Gumbrecht foca seu interesse na materialidade de

significante, antes menos valorizada.

Para sustentar seu pensamento, Gumbrecht retoma o trabalho de Paul Zumthor, interessado nas qualidades da voz humana, e de Friedrich Kittler, que tenta conectar a materialidade dos meios de comunicação e dos movimentos corporais impostos por eles, expandindo a temática antecipada por McLuhan e indicando o caminho que será aprofundado por nosso próximo autor, Sennett.

Para a compreensão dos termos “produção de presença” e “produção de sentido”, Gumbrecht inicialmente nos lembra da etimologia do termo “produção” e sua raiz latina *producere*, que quer dizer trazer à frente, destacar.

Assim, na produção de sentido, é destacada a interpretação e seus processos, enquanto que, na produção de presença, é a materialidade que toma a frente. “O que esse livro por fim defende é uma relação com as coisas do mundo que oscila entre efeitos de presença e efeitos de sentido. Efeitos de presença, entretanto, exclusivamente direcionados aos sentidos” (Gumbrecht, 2004, p. 15).

Em outro trecho do seu trabalho, Gumbrecht (2004, p.15) diz:

Enquanto a moderna (inclusive contemporânea) cultura ocidental pode ser descrita por um processo progressivo de abandono e esquecimento da presença, alguns dos efeitos especiais produzidos hoje pelas mais avançadas tecnologias de comunicação podem tornar-se importantes para um redespertar de um desejo por presença.

Se esse redespertar para a materialidade é percebido por Gumbrecht em algumas novidades tecnológicas, é em práticas muito mais antigas que Sennett, nosso terceiro autor, vai encontrar seu caminho.

3.3 Richard Sennett e o caminho doartífice

O encontro de Sennett com a materialidade é construído através de um trajeto bem diferente dos autores anteriores. É na ideia de transformação que Sennett baseia seus argumentos.

O trabalho do artífice e sua paciente e repetitiva ação sobre os objetos com os quais trabalha representam, para Sennett, o caminho para reencontrar a técnica em harmonia com os homens. “Sustento duas teses polêmicas: primeiro, que todas as habilidades, até mesmo as mais abstratas, têm início como práticas corporais; depois, que o entendimento técnico se desenvolve através da força da imaginação” (SENNETT 2008, p. 20).

O projeto de Sennett inicia-se com o estabelecimento de uma oposição entre dois personagens míticos: Hefestos, que simboliza a técnica que ajuda os homens a tornar o mundo melhor, e Pandora, que representa a técnica baseada apenas na busca da eficiência, cega o bastante pelos seus objetivos a ponto de destruir tudo mais ao seu redor. “A tese que sustentei neste livro é de que o ofício de produzir coisas materiais permite perceber melhor as técnicas de experiência que podem influenciar nosso trato com os outros” (SENNETT, 2008, p. 322).

Sennett procura construir um conceito de ética próprio, capaz de mudar o ambiente social, como o artífice transforma os materiais em que trabalha. Uma proposta que resgata o demioergos⁶ do hino a Hefestos, uma espécie de produtividade centrada não em si mesma, não instrumental, mas sim coletiva, cidadã, uma visão da técnica reconciliada com a sociedade.

O autor parece também propor esse retorno à apreensão do mundo de forma direta, e não tão somente mediada pelos sistemas de signos e linguagens que fomos construindo ao nosso redor.

Sennett pretende sentir o mundo de um jeito novo. Mas, para

6 “Público (demios) com produtivo (ergon)” (SENNETT, 2008, p. 32).

tanto, esse mundo tem que possibilitar esse contato, essa resistência, esse potencial de modelagem que não aceita tão facilmente a intenção do operador. Algo que só a materialidade pode oferecer e que só o caminho do artífice, com sua escolha pela precisão e pela paciência, tem a chance de enfrentar.

Diz Sennett que o artífice é aquele que alimenta “(...) o desejo de um trabalho benfeito por si mesmo.” É assim que ele define a habilidade artesanal, completando que esta “(...) abrange um espectro muito mais amplo que o trabalho derivado de habilidades manuais; diz respeito ao programa de computador, ao médico e ao artista”. (2008, p. 19).

Diante da resistência do objeto do seu trabalho, o artífice molda sua transformação trilhando um caminho que representa uma linha tênue entre a técnica e a arte. Do contato da mão com o mundo e da conexão da mesma com a mente, surge a força que altera a matéria, que a organiza e a faz melhor. “Todo bom artífice sustenta um diálogo entre práticas concretas e ideias; esse diálogo evolui para o estabelecimento de hábitos prolongados, que por sua vez criam um ritmo entre a solução de problemas e a detecção de problemas” (SENNETT, 2008, p. 20).

Sua filiação intelectual com Hannah Arendt guia seus passos em direção a essa ética particular que, na simplicidade do trabalho do artífice, tem objetivos muito maiores.

A unidade entre a mente e o corpo do artífice pode ser encontrada na linguagem expressiva que orienta a ação física. Os atos físicos de repetição e prática permitem a esse Animal Laborens desenvolver as habilidades de dentro para fora e reconfigurar o mundo material através de um lento processo de metamorfose (SENNETT, 2008, p. 327).

Em Sennett, o mundo material é a massa de modelar do oleiro que o artífice, com sua destreza, pode lapidar – como o ourives faz com a

pedra bruta e o soprador de vidro também, insuflando vida e forma ao que antes era pó.

4. Considerações finais

Se, em McLuhan, o determinismo neurológico, de uma certa forma, aprisiona o homem à sua própria biologia, apesar de um amplo leque de possibilidades de escape, em Gumbrecht, esse contato com o material aparece não como uma obrigação, mas como uma possibilidade esquecida que é preciso recuperar num reawakening que vai de encontro à tendência das culturas ocidentais moderna e contemporânea em superestimar a razão e a sua capacidade interpretativa como única forma aceitável de estar no mundo e entendê-lo.

Já em Sennett, a matéria é o caminho da transformação do artífice. Por ela, é possível reconciliar a técnica e os homens num mundo melhor.

O retorno à materialidade, como já dissemos antes, é uma questão muito mais antiga do que as ideias e autores que listamos aqui. Entretanto, McLuhan, Gumbrecht e Sennett dão a ela um contorno pessoal, rico e atualizado, em sintonia com questionamentos que nos desafiam hoje e que, com a ajuda deles, estamos mais aptos a enfrentar.

Referências

DUSEK, Val. **Philosophy of technology: an Introduction**. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2006.

ELLUL, Jacques. **A técnica e o desafio do século**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FEENBERG, Andrew. **Transforming technology: a critical theory revisited**. New York: Oxford University Press, 2002.

FEENBERG, Andrew. **Between reason and experience: essays in**

technology and modernity. Cambridge, MA: Mit Press, 2010.

GUMBRECHT, Hans U. **O campo não-hermenêutico na materialidade da comunicação.** In: ROCHA, João de Castro (Org.). *Corpo e forma.* Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

_____. **Production of presence:** what meaning cannot convey. Stanford, CA: Stanford University Press, 2004.

IDHE, Don. **Foreword.** In: OLSEN, Jan; SELINGER, Evan; RIIS, Soren (Orgs.). *New waves in philosophy of technology.* Hampshire, UK: Palgrave Macmillan, 2009.

LEMONS, André. **Cibercultura:** tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MANOVICH, Lev. **The language of new media.** Massachusetts: Mit Press, 2001.

MCLUHAN, Marshal. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** 15. reimp. São Paulo: Cultrix, 2007.

MURRAY, Janet. **Hamlet no holodeck:** o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo: Unesp, 2003.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução às teorias da cibercultura:** tecnocracia, humanismo e crítica no pensamento contemporâneo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

SENNETT, Richard. **O artífice.** Rio de Janeiro: Record, 2009.